



Balta Lelija

10 de setembro de 2022
Sábado da Semana XXIII do Tempo Comum
“Verdadeira simplicidade”
(Parte II)

Como tínhamos visto na meditação de ontem, nossa vida começa a se concentrar e simplificar quando nos orientamos para o amor e a verdade.

De forma alguma uma vida que se concentre unicamente na preservação material da existência pode ser entendida como "simples" e desejável. Nem a verdadeira simplicidade está relacionada à falta de aptidão intelectual, que, não compreendendo os conteúdos mais profundos, simplesmente toma o que é mais compreensível. Também não é verdadeira simplicidade simplificar as coisas e contentar-se com explicações abreviadas sem profundidade; nem é simplicidade aquela falsa infantilidade que não enfrenta os problemas, mas passa por cima deles com ligeireza, sem nunca chegar a uma solução.

Em contrapartida, a verdadeira simplicidade está relacionada a Deus: a vida se tornará mais simples quanto mais se encher de Deus. Então não julgaremos mais as coisas segundo diversos critérios: por exemplo, nosso interesse pessoal, os interesses de outras pessoas, a opinião dos outros, etc., entre os quais a questão do que é a vontade de Deus é colocada como se fosse apenas mais um critério, com o mesmo peso que esses outros. Com verdadeira simplicidade prevalece um critério superior que rege toda nossa vida, que mede e ordena tudo: *“Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo”* (Mt 6,33). Desta forma, a vida se torna coerente e assume um enfoque sobrenatural. Não é mais a natureza, com suas exigências e desejos, mas a Vontade de Deus que está em primeiro plano.

Mas como podemos alcançar a verdadeira simplicidade?

Já vimos que consiste em buscar o amor e a verdade; em considerar a vontade de Deus como o princípio fundamental que rege todas as situações da vida.

Este ponto nos leva de volta ao tema constante da vida espiritual, porque, de fato, a verdadeira simplicidade é fruto do seguimento autêntico de Cristo.

Para que este fruto cresça, devemos aprender a renunciar a tudo, se Deus nos chama para fazê-lo. Nenhuma criatura e nenhum bem material deve possuir nosso coração a ponto de dificultar nossa total entrega ao Senhor. Seria como se disséssemos a Deus: “Podeis pedir-me qualquer

coisa, mas não isto...”.

Não deve haver nada que limite nossa dedicação a Deus, nem podemos estabelecer condições. Devemos escutar bem estas palavras do Senhor: *“Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim não é digno de mim. Quem ama seu filho mais que a mim não é digno de mim”* (Mt 10,37). Quem não tentar de todo coração alcançar esta entrega incondicional, também não será capaz de alcançar a verdadeira simplicidade. Nesse caso, pode acontecer que respondamos ao convite do Senhor como os da parábola: *“Rogo-te me dês por escusado (...) Casei-me e por isso não posso ir”* (Lc 14,18-21).

Alguns podem objetar que esta exigência vale apenas para as vocações religiosas. Entretanto, é aplicável a qualquer estado de vida, se realmente quisermos estar enraizados em Cristo. As pessoas que vivem no mundo também precisam de um critério superior, para que possam examinar à sua luz todas as circunstâncias em que se movem e com as quais são confrontadas, e para dar a resposta adequada de acordo com esta medida.

Desta forma, o Espírito do Senhor nos guiará ao ponto de deixarmos para trás muitas coisas que, embora não pecaminosas em si mesmas, nos dispersam e assim dificultam a simplicidade e o foco em Deus. Começaremos a perceber que estas coisas não se encaixam em uma vida espiritual profunda. Pensemos em tantas ofertas de mídia, tantas possibilidades de comunicação proporcionadas pelos smartphones, a destruição do silêncio, etc...

O Espírito não descansará até que tenhamos sido ensinados a distinguir o que é verdadeiramente valioso do que é menos valioso, e até que tenhamos aprendido a deixar para trás o que não serve ao Reino de Deus. Ele nos ensinará a não nos deixarmos levar pela dinâmica imanente das coisas, mas a dar a cada um seu lugar de acordo com o princípio orientador de nossa vida. As conversas não serão mais prolongadas desnecessariamente e se tornarão meras palavras ocas; tomaremos consciência das distrações e as limitaremos cada vez mais, os momentos de oração se tornarão cada vez mais importantes para nós, etc...

À medida que o seguimento do Senhor se aprofunda, a maneira como rezamos também se tornará mais simples. Enquanto antes estávamos principalmente empenhados na oração vocal, agora buscaremos uma oração mais simples e silenciosa diante de Deus.

A verdadeira simplicidade, então, é que Deus - que é simples mas possui plenitude em Si mesmo - pode habitar cada vez mais em nós. Assim, nossa vida estará focalizada nEle; nós diminuiremos e Ele crescerá (cf. Jo 3,30).

Como tudo se torna simples quando podemos simplesmente dizer que Deus nos ama como Pai, e que Ele nada mais quer do que se entregar a nós e nos preencher com tudo o que só Ele

pode nos dar! Como a vida é simples quando nos limitamos a dizer: “Sim, Pai, seja feita a tua vontade, pois nós te amamos”!